

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

*...alumia-vos,
aponta-vos o ca-
minho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)

Órgão da Comunidade Israelita do Porto

DIRECTOR E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
REDACÇÃO—Rua Guerra Junqueiro, 340—Porto
—(Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director)—

COMPOSTO E IMPRESSO NA Empresa DARO DO PORTO, L.da
Rua de S. Bento da Victoria, 10
PORTO

O destino dos Judeus Alemães

Pelo Dr. Henri Theophile Blanc

Olhamos bem de frente a situação, não tomamos senão os factos de que estamos seguros, pondo de lado tódo o trabalho da nossa imaginação: é certo que a vida psíquica e moral dos Judeus alemães está destruída, que a sua existência material se tornou extremamente difícil, senão completamente impossível, e que não há mais nenhuma espécie de garantia para a segurança da sua vida.

Um Estado governado pelo direito tem para com os seus nacionais, como para os estrangeiros que o habitam, obrigações que lhe são impostas pelas leis nacionais e internacionais, e é cumprindo estas obrigações que o Estado se torna o instrumento duma cultura duma civilização, duma política verdadeiramente humana. Na Alemanha estas obrigações tem estado simplesmente anuladas. Deram lugar á imoralidade, á anarquia, ao caos. Qualquer destas palavras resume bem a situação dos Judeus alemães.

Para a compreender não devemos esquecer que muitos israelitas ocuparam, na Alemanha, um lugar preponderante em todos os domínios, na ecónomia social e política, na vida intelectual e na sociedade, nas empresas caritativas, em tóda a parte em que as grandes e belas obras nos colocam na vida do progresso e nos asseguram um futuro melhor.

Para demonstrar isto e apaiá-lo sôbre factos, seria necessário escrever a história da Alemanha moderna e também a da Prússia dos dois últimos séculos:

Depois de Frederico, o Grande, a emancipação dos Judeus era praticamente reconhecida. Desde então os Judeus alemães, prestaram duma maneira poderosa e completamente natural o auxilio á edificação do Estado.

Tornaram-se notáveis pelas suas obras e contribuíram para a glória e o poder do país. Feito único nos anais da moderna civilização europeia: os demagogos, os partidários duma política de violência conseguiram diminuir as suas grandes obras desacreditá-las, aboli-las.

Isto tem, a meu ver, a vulgar e a miserável mentalidade das classes superiores do antigo regimem: grandes agrários, grandes senhores, militares, industriais importantes, etc Mas estes melhores encontravam-se progressivamente afinidos; pouco a pouco abandonaram as formas brutais do antissemitismo. Não subsistiu mais do que uma certa aversão contra os Judeus, uma ligeira suspeita; isto frequentemente não era senão uma espécie de neutralidade; no conjunto, a malevolência e as brutalidades haviam desaparecido

Nos anos que precederam a guerra o próprio alemão nacionalista, o alto funcio-

nário, o oficial superior, o grande industrial e o grande agrário consideravam como uma honra o ser introduzidos nos meios intelectuais, financeiros e industriais Judeus, o ser admitidos na sua intimidade. E a aristocracia cultivada conservava relações seguidas com os Judeus. Pode dizer-se que em geral a Alemanha nacionalista, já não era praticamente inimiga dos Judeus; poder-se há quasi afirmar o contrário.

Em todos os casos as brutalidades e as perseguições anti-judaicas pareciam fora do costume ordinário e de mau gosto.

Depois da guerra, o ódio contra os Judeus estava completamente banido. Falava-se mesmo dar aos Judeus a possibilidade de entrar no partido nacional. E no «Herreuklub», o famoso e exclusivo «Herreuklub», encontravam-se hospedes bem acolhidos, de iminentes Judeus da boa sociedade, do mundo das finanças, do comércio, das ciências, das letras, das artes. O ódio contra os Judeus, nas suas formas grosseiras e cruéis, não ressuscitou senão pelo partido nacional-socialista, o que não surpreende os que conhecem o programa de furiosa violência e o brutal e selvagem método de propaganda dos Nazis. Compreende-se então como foi possível enfurecer o povo alemão, de ordinário tão mestre dele, de o impregnar de idéas sanguinárias. Método duro, implacável que não se preocupa com a verdade. O vocabulário político não é mais que uma colecção de mentiras ás quais se ajuntam cantos de ódios, apêlos á violência, mesmo ao homicídio. Sem descanso se ataca o Judaísmo; sem descanso se fazem cair sobre êle tôdas as responsabilidades. As secções de assalto e os camisas castanhas lançam os seus rudes cantos, dos quais um dos estribilhos é, por exemplo: «Nós homos os Judeus em papas». (Nós esborrachamos os Judeus).

O grito de guerra habitual é, como se sabe: «Alemanha desperta! Judeu arreventa» (*Juda verrecke!*) e quando o «Judeu arreventa» é abandonado durante algum tempo, é em breve retomado com o dôbro de violência. O grito «hep-hep» introduz se nos cantos e clamores da rua. E' soltando este grito que os Nazis perseguem os Judeus, os assaltam e os sovam.

Não há como ler a literatura nacional-socialista para compreender como se pode transformar as massas em rebanhos de ani-

mais selvagens, mudar espiritos cultivados em cérebros bárbaros.

Nos seus «Dez mandamentos do nacional-socialismo», Goebbels escrevia: «Tu dizes que o Judeu é um homem, eu respondo-te que a pulga é um animal, mas um animal desagradável, e da mesma maneira que se deve esmagar a pulga, se deve esmagar o Judeu»

Semeado num terreno tão infame, não é surpreendente que o ódio contra os Judeus produzisse semelhantes frutos. Foram em primeiro lugar os novos que se tornaram anti-semitas, os empregados dos Judeus, os fornecedores dos Judeus, todos os que aproveitavam os Judeus, mas que desejavam vingar-se deles, porque lhes eram inferiores no ponto de vista social, económico e intelectual. Depois foram os camponeses, os pequenos proprietários rurais, quasi todos estupidamente individúados, e a quem haviam dito, que só a «Républica dos Judeus» era responsável por todo o mal. Em breve se juntaram a êles os que perderam as posições, os despojados do antigo império e da antiga armada, os oficiais baixados do lugar, os militares inferiores. Depois vem a «nova geração» a que agora tem 14 a 25 anos, os jovens que, no fim da guerra não eram ainda senão crianças

Por todos estes homens que não atingiram ainda a sua maturidade, mas que estão já avidos de acção, o ódio contra os Judeus foi facilmente admitido, porque tudo que tem o nome de ódio, violência, é rapidamente aceite pela nova geração alemã.

Eis a base sobre a qual assentará o ódio contra os Judeus.

Daí lançar se-há e estenderá os seus ramos para as camadas superiores. Muitos jovens rasoáveis se deixaram arrastar com medo que lhe censurassem o anti-nacionalismo. Nacionalismo e ódio contra os Judeus tornaram-se uma e a mesma fórmula.

Compreende-se agora a violência empregada pelo Terceiro Reich contra os israelitas. Tôdas as outras promessas de Hitler e dos seus tenentes não poderam até agora ser mantidas e não poderão sê-lo daqui para diante. A presa a lançar á mattilha foi e é o Judaísmo. Os Nazis fazem montaria aos sábios, aos médicos, aos advogados, aos actores, aos escritores, aos pintores e aos músicos; êles perseguem e

despojam os comerciantes; humilham-nos todos intelectual e moralmente quando os não torturam, não os matam. O anti-semitismo na Alemanha: uma pastagem lançada á população cujo apetite não está ainda saciado e não o estará tão depressa.

Eu não creio num melhoramento da sorte dos Judeus alemães num próximo futuro, ou então, o nacional-socialismo deverá anular-se, abandonar os seus baixos métodos de propaganda. Deve-se registar o cinismo e a brutalidade de Goebbels declarando em Colonia: «Tratam-se ainda os judeus com doçura». Qual a conclusão? Que o nacional-socialismo está longe de ter empregado tôdas as medidas de extrema violência decididas *inpetto* contra os judeus.

Quais serão estas medidas? De verdadeiros progromos, a destruição total. E' por isso que o mundo civilizado não tem o direito de se deixar induzir pelo êrro. E' preciso que êle reconheça claramente que a destruição dos Juds no alemão e, tão possível, do Judaísmo universal é um dos principais alvos do partido nacional-socialista.

Este movimento não teve até agora senão um resultado negativo, mas — e não há nenhuma dúvida sobre isto — o que êle quer duma maneira positiva, é a dominação de tôda a terra e, se fôr possível, o seu aniquilamento completo, á excepção, bem entendido da Alemanha «hitlerizada».

De «L'Univers Israelite»

• • •

Da Perseguição aos Judeus na Germania

DE «ELSASSER BOTE» (JORNAL CATÓLICO DE ALSACIA)

Dêsde anos e anos as nações socialistas fizeram uma campanha de excitação contra os judeus e não é para admirar que eles cõlham o que semearam.

Presentemente as piores facções humanas fazem erupção: o ódio, a vingança. E' sobretudo esta última facção que desempenha um grande papel no movimento anti-semita.

Por esta razão já, os desmentidos publi-

cados pelo govêrno de Reich não conseguiram convencer ninguém.

O apêlo á boycottage contra os judeus mostra toda a crueldade do estado de espírito que reina actualmente na Alemanha. Mesmo no decorrer duma guerra trata-se o inimigo ferido e doente. Mas os doentes judeus são caçados até nos hospitais.

(Do jornal católico «Le Soir»)

Nada de revolução evitou a pilhagem. Previnem-se difficilmente os excessos das massas desenfreadas. Mas é provavelmente a primeira vez que se viu um govêrno plebiscitário organizando êle próprio a espoliação de sábios, médicos, magistrados, advogados, industriais, mercadores.

Afixar nas vitrines dos estabelecimentos judeus «Não compreis na casa do judeu» e pôr os soldados á porta para que não se tirem êstes placards — como cem fotografias o mostram — não é condenar os ocupantes como os intelectuais brutalmente á ruína, em proveito dos rivais, dos lados *cruzados*.

(Do «Daily Telegraph») de Londres:

O dia virá em que os Alemães desejarão que êste episódio insensato (a boycottage dos produtos judeus) seja apagada dos seus anais e se perguntarão qual a tolia que pode conduzir os chefes da revolução hitleriana a escolher um meio tão vergonhoso de celebrar a aurora duma nova era. Quando a sua intoxicação passar e que eles se tornem sóbrios, os nazis reconhecerão, certamente contra que os acontecimentos do 1.º de Abril não revertiram um carácter nobre e heroico, mas não foi pura e simplesmente senão despresíveis e sortidos.

(Do «New-York Herald»)

Quando nós vemos toda a população judaica da Alemanha submissa a um terrôr organizado, somos obrigados a lembrar-nos que êstes são os próprios homens que inventaram o bombardeamento das populações civis e o torpedeado das partes do comércio. Os Alemães razoaveis devem lembrar-se que a igualdade de statuto que eles reclamam não consiste unicamente no direito de se armar. Para obter uma verdadeira igualdade, um govêrno deve ter o respeito das outras nações. Nenhum govêrno pode atrair êste respeito se não reconhece as mais simples obrigações do própria moral.

Vida Comunal

Porto

Peçah (Páscoa) — Decorreu com toda a solenidade esta festa. Fabricou-se pão azimo em grande abundância sendo a comissão dêsse fabrico constituída pelos seguintes srs: Menasseh Bendob, Isac Janouski, D. Furriel, Jernstedt de Almeida, Bronstein, Wax Cohen, e pelas sr.^{as} D. Lea Barros Basto, D. Branca, Bendob, D. Nucia Janowski, D. Raquel Lopes Mendes, D. Sabina Bronstein, D. Natercia Jernstedt d'Almeida e D. Maria Bronstein.

Lag Baomer — Iniciou-se esta festa dos estudantes pelo descerramento, na Biblioteca do Instituto Teológico, do retrato de Sua Eminência o Rabbimór dos judeus do rito português do Norte América, o Dr. David de Sola Pool. O Reitor do Instituto, sr. capitão Barros Basto fez o elogio do homenagiado, e fazendo saber ao público que a Direcção do Instituto resolveu dar á Biblioteca da referida casa de educação religiosa o nome do venerando Rabbimór marcando assim o aprêço que tem por esta autoridade rabínica, que tanto se tem interessado pela obra educativa do nosso seminário.

Em seguida realizou-se a parte litúrgica de Lag Baomer, após a qual houve recitativos por vários Talmidim (seminaristas) do nosso Instituto.

Terminou a festividade com um delicado chá oferecido pelas gentis damas da nossa comunidade.

Fadar duma menina — Na oração matinal do dia 18 de Iyar (14 de Maio) foi fadada a recém-nascida menina Luísa Gotlib da Costa, filha do nosso correligionário Moisés da Costa e de sua espôsa Sofia Gotlib da Costa; a neófita recebeu o nome israelita de Leah, sendo padrinhos seu primo Luís Carvalho e sua tia D. Sofia Carvalho, e sendo celebrante o reverendo Talmid Samuel Rodrigues. O pai da pequenita israelita fez o donativo de 50 escudos para a Sinagoga. Esta menina nasceu em 28 de Abril do corrente ano, na frèguesia de Paranhos, cidade do Porto. Bé-siman Tob.

Milah — No dia 26 de Maio realizou-se a milah (circunsição) dum menino de oito dias filho do nosso correligionário Natan Beigel, tendo recebido o nome de Elieser.

A cerimónia realizou-se em casa dos pais do neôfito, sendo celebrante o reverendo Talmid Samuel Rodrigues, assistido clinicamente pelo dr. Costa Lima. Foram padrinhos os srs. capitão Barros Basto e sua espôsa. Foi servido em seguida um delicioso copo d'água.

Instituto Teológico Israelita — Assumiu as funções de professor de Língua Sagrada, Liturgia (Habodak) e Cánones (Dinim) neste seminário o reverendo Afonso Cassuto, da Comunidade Portuguesa de Hamburgo (Alemanha). Foi uma aquisição que honra o judaísmo portuense pois Afonso Cassuto é um novo, dotado de excelêntes qualidades morais e intelectuais, autor várias de obras sôbre assuntos judaicos.

Cassuto é um anagrama de Zacuto e o nome Zacuto é célebre na história do judaísmo português e na da civilização mundial.

Ponta Delgada

Foi festejada nesta Comunidade a Hèlulah de Rabbi Simhon Bar-Yohai com grande solenidade, com a assistência do reverendo Rabbi Filipe Reich, tendo-se meldado Gue-marah e Sepher ha-Zohar.

Terminou a festa com um esplendido chá oferecido pela Comunidade.

• • •

Dos 4 cantos da Terra

Alemanha — A empresa nacional «Bené Berith» alemã, considerada por ela como uma organização francó-maçônica, que combate o mundo ariano.

A ordem conta na Alemanha cerca de 30 000 aderentes.

Inglaterra — Sob a presidência dos Senhores Lionel e Antony de Rothschild, um Comité se constituiu que vai fazer um apelo em favor das vítimas judaicas da perseguição alemã.

O visconde Erleigh, Sir Isidore Salmon, membro do Parlamento, o Dr. Claud Montfiore e sr. Leonard Stein deram o sua adesão a êste Comité.

—Em Londres uma conferência teve lugar entre os reitores da Universidade de Londres, de Cambridge e de Oxford. Discidiu-se crear cadeiras para os professores Judeus expulsos das Universidades alemãs.

A Tragédia duma Raça

As perseguições e violências que o povo judeu tem sofrido, com heroica abnegação, desde que perdeu a sua nacionalidade, é um dos maiores dramas que a história regista em páginas onde a dor e o martírio estão impressos, pondo-lhe aqui e ali laivos de sangue, gemidos de vítimas, desesperos de almas torturadas e aspirações desfeitas de corações flagelados pela desgraça que esvoaçava das cinzas dos cadáveres engulidos pelas fogueiras sinistras da Santa Inquisição, para supremo prazer do cruel fanatismo da época e perversos instintos de exaltados intolerantes realengos e fradescos.

Acusado de deicida, o povo de Israel sofre, há cerca de dois mil anos, o opróbrio de haver condenado à morte, pregando num madeira em forma de cruz, um homem que se dizia um enviado de Deus, anteriormente anunciado pelas profetas em seus horóscopos, e a quem, pelas suas virtudes incomparáveis, saber e humildade, a consciência universal classificou de inocente, fazendo, por isso mesmo, pesar sobre um povo inteiro o estigma duma maldição estúpida, como se o próprio Jesus e sua família não fôsem da mesma ascendência dêsse povo que, depois do proscrito da sua pátria, se espargiu pelo mundo e sem que o rolar dos séculos degenerasse as suas essenciais características étnicas, a sua índole activa e laboriosa, os seus costumes e as suas tradições, tam puras no seu atavismo transmissor, áparte uma ínfima minoria que se deixou submeter às coacções impostas pelos reis fanáticos do século XVI e XVII e que se foi adaptando as circunstâncias materiais e religiosas mais instantes e grosseiras, traíndo assim a sua raça, por medo uus — o que até certo ponto se compreende — e por conveniência outros — o que se não justifica por nenhum princípio nobremente humano.

Entretanto o mundo foi rolando na senda fatal da civilização: reis e imperadores de direito «divinos» viram ruir os seus tronos para darem o lugar aos governos do povo.

Com êstes surgiu a fatal transformação das leis e dos costumes, o que modificou completamente a mentalidade e a idiosincrasia das multidões.

Estabelecida a liberdade de consciência, depressa cessaram as perseguições religiosas, cujas vítimas eram judeus, mouros e protestantes, de preferência, porque eram ricos, principalmente os primeiros, e as suas riquezas aguçavam a cubiça dos tesouros reais exaustos por dispêndios fabulosos em obras de inútil piedade. Quer diz: a guerra aberta contra a «heresia» do judaísmo não tinha verdadeiramente o fim de «depurar» as almas pelo fogo, mas sim um meio de extorção, para não dizer uma guerra de pilhagem e bandoleirismo medieval, que era o de facto!

Estas considerações vem a propósito das recentes manifestações anti-semitas que os «nazis», ou sejam os fascistas alemães, desencadearam em tôda a Conderação Germânica, prendendo, enxovalhando e até assassinando milhares de judeus seus compatriotas, com uma fúria tal que nós temos a convicção de que a Alemanha operou um movimento de récuo, dando-nos, por conseguinte, a impressão da sua decadência moral, já agora tão evidente com os actos de barbarismos ali postos em prática por hordas de desvairados, que gozam de benevolência e protecção oficiais.

Tais perseguições provocaram em todo o mundo um movimento de justificada repulsa, mesmo até entre os católicos da América e da França, êstes pela pena do arcebispo de Paris, cardinal Verdier, que não exitou em escrever ao grande rab no da comunidade judaica francesa, protestando contra as violências exercidas sobre os judeus alemães

Hitler, o inspirador da campanha do anti-semitismo alemão, sofreu a sua primeira derrota moral, pois, medindo o perigo da revolta da consciência universal e as conseqüências desastrosas que isso acarretaria à economia do Reich, deu ordens para a suspensão da campanha.

Antes assim. Mas apesar dessas ordens, a má vontade contra o povo judeu ainda se manifesta com ruídosa loucura. Muitos hisraelitas, para estarem a coberto de qualquer eventualidades desagradáveis, procuram azilo no estrangeiro que, solícito, lhes oferece hospitalidade, pois, sobre ser um

gesto de solidariedade humana, o povo judeu conta muitos valores que irão beneficiar as nações que generosamente os acolhem.

Portugal, que deve uma parte das suas glórias passadas a esta raça, podia muito bem, por gratidão, isto para não evocar outros motivos igualmente justificados, atrair os judeus que fogem da Alemanha, concedendo-lhes facilidades de instalação na vida nacional.

A «Gazeta» é um simples semanário, senão trataria do assunto com mais profundidade e demonstraria as vantagens que disso adviriam para a débil economia nacional.

Mas, tal facto, não nos impedirá de voltar ao assunto, se o acharmos oportuno.

De «Gazeta de Arouca».

• • •

A ORIGEM DO PAPEL

O papel foi inventado pelos chineses no primeiro século era vulgar.

Da China, o papel penetrou na Asia Central e na Persia por uma estrada de caravanas, e atingiu Samarcanda, onde havia abundantes culturas de linho e canhamo que favoreceram a sua fabricação.

Por intermedio dos arabes, ele se espalhou, desde o século VIII, em todo o mundo mediterraneo.

O dominio do Mediterraneo pelos corsarios arabes separa o Oriente do Occidente. Os navios vaidentais já se não arriscam a transportar para a Europa o papyrus egipcio, assim como as especiarias. Além disso, o papyrus era fragil e o seu uso parecia reduzir-se à fabricação de torcidas de velas.

O pergaminho custoso não teria pois tido concorrente na Europa, e no momento da descoberta da imprensa, o seu preço teria sido um obstaculo à sua difusao, se os arabes de Haspanha não o tivessem trazido com eles, para o Oeste da bacia mediterranea, esta maravilhosa invenção

Investigações em arquivos e felizes descobertas permitem demonstrar que não foi na Italia, no século XII, como os cruiditos o julgavam até agora, que o papel na Europa ali foi primeiramente fabricado.

O papel foi conhecido na Hespania, desde o século VIII, como o testemunha um manuscrito hebreu descoberto por M. Pelliot e estudado por Filipe Berger, foi fabricado em Espanha a partir do século XI pelos judeus. Os moinhos em que os judeus fabricavam um papel de trapos, isto é, composto de fragmentos de linho e de esparto macerado em cal, depois moídos sob mós, e que se assemelhava a certas qualidades de papeis modernos, encontravam-se em Xavita, próximo de Valência.

As determinações dos califas árabes, que tinham protegido a indústria dos judeus fabricantes do papel, foram conservadas em vigor pelos reis cristãos depois da conquista do reino de Aragão.

Um decreto de Jaime I concedia aos judeus de Xativa o direito de fabricar papel mediante um imposto de três dinheiros reais por raina. E isto *in perpetuum*.

Até ao século XIV são citados os moinhos judeus de papel.

Algum leitor a quem interesse este assunto deve ler o trabalho de André Blum «Les origines du papier» Edition du Trianon — que foi publicado recentemente em Paris e do qual extraímos estas nótulas.

• • •

Uma mensagem do ilustre sábio Alberto Einstein

Os actos da força bruta e da opressão contra todas as pessoas de espírito livre e contra os judeus, estes actos que tiveram lugar e que ainda têm lugar na Alemanha, felizmente despertaram a consciencia de todos os países que ficam fieis ao humanismo e às liberdades politicas.

A Liga Internacional contra o antisemitismo adquiriu o grande mérito de defender a justiça realizando a união dos povos que não são contaminados pelo «virus».

Nós podemos esperar que a reacção será suficiente para perservar a Europa duma regressão à barbaria.

Possam todos os amigos da nossa civilização tão gravemente ameaçada, concentrar todos os esforços afim de eliminar esta doença psíquica do monde. Eu estou com vosco.

Irlanda — O Dr. J. Herzog, gran-rabbino do Estado livre da Irlanda, tem sido acolhido por M. de Valera que poz ao facto das perseguições que sofrem actualmente os Judeus alemães. O presidente mostrou-se vivamente comovido por esta narração. Ele exprimiu aos israélitas do seu país toda a sua simpatia.

• • •

Terra de Israel

No mês de março de 1933 imigraram para a Palestina 2482 Israelitas.

• • •

Dez Mandamentos

Que devem estar sempre presentes a todos

— | —

Maneiras de acabar com um jornal

- 1.º - Não o assinar;
- 2.º - Assinando-o, não o pagar;
- 3.º - Não se interessar por ele;
- 4.º - Dizer: eu faria isto ou aquilo, esquecendo-se que é mais fácil criticar do que realizar;
- 5.º - Esquecer-se que se não o informarem, o jornal não tem o condão de adivinhar o que se passa em toda a parte.

Maneiras de o auxiliar

- 1.º - Arranjar novos assinantes;
 - 2.º - Constituir grupos de amigos do jornal;
 - 3.º - Compenetrar-se que este não terá vida desafogada, se ele viver em crise económica;
 - 4.º - Convencer-se que o jornal é de todos e que, portanto, deve falar sempre mais alto do que os interesses de meia duzia;
 - 5.º Confiar em quem nele trabalha
- Muitas vezes, há coisas que se escrevem e que os leitores não chegam a lêr.

Historia Sagrada Infantil

por DAVID MORENO

(Continuação do n.º 33)

Tinha Jacob acabado de sair quando entrou o irmão levando a seu pai o guisado preparado com a caça.

— Quem és tu? Preguntou Isac.

— Sou teu filho Isav, come e dá-me a benção.

Só então o velho pai reconheceu o engano e acedendo ás súplicas do filho deu-lhe uma benção, mas em que lhe dizia:

— «Tu serás sujeito ao teu irmão».

Foi grande o ódio de Isav e prometeu vingar-se logo que seu pai morrêsse. Percebeu Ribka o seu intento e disse a Jacob que fugisse para casa de Laban, seu irmão, até que Isav acalmasse.

Não disse porém a seu marido que êle fugia, mas sim que ía escolhêr uma espôsa entre os seus. Aprovou Isac e deixou-o partir, depois de lhe deitar nova benção.

CAPITULO IX

Jacob em casa de Laban

Partiu pois Jacob para Haran, na Mesopotamia. Depois de caminhar durante muito tempo como se sentisse cansado sentou-se e adormeceu. Viu então em sonhos uma escada que se elevava para o ceu, pela qual os anjos subiam e desciam.

Do cimo ouviu-se a voz do Senhor que bradava:

— «Eu sou o Deus de Abraham e de Isac; a terra em que dormes dá-la-hei aos teus descendentes, em *um dos quais serão abençoadas todas as nações da terra*».

Acordou Jacob e reconheceu que Deus o não abandonava e mesmo ali estava com êle. Louvou-O e ergueu ali uma pedra, chamando àquêle lugar «Casa de Deus»; continuou Jacob o caminho e breve chegou a uma fonte onde alguns pastores esperavam que os companheiros chagassem, afim de juntos poderem rolar a pedra que tapava o pôço, para os rebanhos beberem. Pregon-

tou-lhes donde eram e se donheciam Laban :

— Sômos de Haran e eis além vem Rachel, sua filha com o rebanho. Apênas esta chegou Jacob apressou-se a tirar a pedra do pôço e a ajudá-la a dar de beber ao rebanho. Disse-lhe tambem que era filho de Ribka e portanto seu primo e ambos se abraçaram chorando. Foi Rachel chamar seu pai que, correndo veio abraçar e beijar Jacob, e levou-o para sua casa. Tinha Laban duas filhas Lea e Raquel e Jacob amava muito esta última, pelo que só pediu que, depois de o servir sete anos lha dêsse por espôsa. Aceitou Laban e foi servido por Jacob durante os sete anos, que a êste não pareceram mais que sete dias. Porém aquêle, faltando ao que tinha prometido deu-lhe Lea no lugar de Rachel. Mais sete anos teve Jacob de o servir, para depois deles receber a mulher que amava.

Assim desposou as suas duas filhas, das quais teve os seguintes filhos, que mais tarde haviam de ser os chefes de doze tribus: Ruben, Simeão, Levi, Juda, Dan, Neftali, Gad, Acher, Issacar, Zabulon, Joseph, e Benjamin.

CAPITULO X

Regresso de Jacob ao pais do Cnaan

Mais seis anos Jacob serviu a Laban, recebendo desta vez como recompensa alguns bezêrros. Estes se reproduziram de tal maneira que dentro em pouco constituíam grandes rebanhos, os quais Laban começou a invejar.

Então lhe disse D. us.

— « Volta para o país dos teus pais e eu serei contigo ».

Obedeceu Jacob, e, temendo que Laban não lhe deixasse levar as suas mulheres, aproveitou uma ocasião em que êle estava ausente, partindo com elas, seus filhos e seus gados. Este perseguiu-o, Mas Deus, que lhe appareceu num sonho, ordenou-lhe que não fizesse mal a Jacob. Com effeito tendo-o alcançado na montanha de Galaad apênas lhe perguntou por queo não tinha avisado antes de partir.

Mostrou-lhe Jacob a justiça do seu procedimento, lembrou-lhe que não havia recebido senão o que êle lhe dera e com resignação havia suportado o calôr abrasadôr do

dia e o frio glacial da noite. Arrependeu-se Laban e fez aliança com Jacob erguendo uma pedra, como sinal dela na mesma montanha.

Aquêle voltou para casa e Jacob continuou o seu caminho.

Ao chegar próximo da sua terra natal enviou mensageiros com presentes a Isav afim de acalmar a sua cólera.

Nessa noite um anjo o atacou, aproveitando o momento em que êle estava separado dos seus.

Porém Jacob defendeu-se valentemente e saiu da penosa luta ferido, mas vencedor. Foi ao romper da aurora que o anjo, dando-se por vencido e antes de o abandonar o abençoou por estas palavras: — « Teu nome não será mais Jacob, mas sim Israel, *forte contra Deus*, porque tu lutaste contra os seres divinos e contra os homens e triunfaste ». Isav veio ao encontro de Jacob, ao contrário do que êste esperava, para o abraçar. Um e outro se se abriram os braços num sinal de completo perdão. Depois disto separaram-se.

Foi nesta viagem que morreu Rachel, em Bethlen, onde ainda hoje se encontra o seu túmulo.

Pouco depois da sua chegada a Hebron morreu seu pai Isac, contando 180 anos. E os dois irmãos sepultaram o seu cadáver no lugar onde já repousavam Abraham e Sara

(continúa)

• • •

O ultimo auto de Fé da Inquisição em Portugal

Em 11 de Outubro de 1778, realisou-se o último auto de fé, em Lisboa. Entre os réus foi julgado o célebre poeta e lente da Universidade de Coimbra, major de Engenharia, José Anastacio da Cunha.

Visado pela Comissão de Censura